



A ENCARNAÇÃO DO AUTOR AO ESCREVER EM PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR: UMA OPÇÃO METODOLÓGICA

Silvia Beatrix Tkotz
Universidade Estácio de Sá
silviatkotz@yahoo.com.br

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ela delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.
Manoel de Barros*

Ao escrever em primeira pessoa do singular, o autor corporifica seus pensamentos e ideias em texto. É na escrita que o autor apresenta o caminho percorrido, conectando as teorias encontradas com o contexto pesquisado. A sua escrita anuncia sua postura na pesquisa e demonstra uma opção metodológica. O autor assume sua posição frente ao mundo, suas concepções e sua parcialidade.

Nesta reflexão, apresento alguns caminhos que venho percorrendo para compreender porque me foi negado, durante tanto tempo, o direito de escrever os textos dissertativos e argumentativos em primeira pessoa do singular. A escola ordenava: “escreva em terceira pessoa do singular”. Ao chegar na graduação, em muitos manuais de orientação à redação de textos científicos, encontrei a prescrição de se assumir um tom impessoal na escrita.

No Mestrado, tudo mudou. Conheci a linha de pesquisa “*Cotidiano Escolar e Currículo*”, orientada por Inês Barbosa de Oliveira e transitei por *autorespessoasamigos*¹ que me apresentaram outras maneiras de ‘fazer textual’. Rever concepções e crenças que haviam sido enraizadas por toda a escolaridade, fizeram com que eu revisse a pessoa que eu era. Descobri o encantamento pela pesquisa, pelo estudo e pela busca do conhecimento. Percebi, neste movimento de tessitura de textos, um caminho lindo de compartilhar fazeres e saberes.

Passei a negar uma escrita que estabelecesse diálogos de cientistas para cientistas e descobri que, para compartilhar o conhecimento, nesta *novaoutra* perspectiva, eu precisava de uma ‘maneira de dizer’ que atendesse a esse desejo. Ao defender a possibilidade de se *narrar a vida e literaturizar a ciência*, Nilda Alves (2008a) foi uma das ‘culpadas’ por me permitir esse exercício instigando-me à “invenção de um modelo de pesquisa, de escritura, de comunicação” (FILÉ, 2010, p. 126).

No movimento de aprendizagens por outras maneiras de fazer ciência, estiveram presentes, “ao vivo”, teóricos como Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferraço, Paulo Sgarbi, Marcos Reigota, dentre outros, e especialmente, Inês Barbosa de Oliveira, minha guru acadêmica e orientadora no mestrado. Estas *pessoasautores* me apresentaram, em textos, Certeau (1994), Foucault (1999), Paul Ricouer (2007), Machado Pais (2003), Ginzburg (1999), Boaventura de Souza Santos (2004, 1987), Maturana (1998) e muito mais.

As conversas versavam sobre a narrativização das práticas em ‘maneira de fazer’ textual, com procedimentos e táticas próprios dos praticantes. Não cabia mais, na pesquisadora que me fiz, aquela escrita que a escola me ensinara. E o movimento primeiro, nas novas maneiras de escrever, foi me permitir escrever em primeira pessoa do singular. Passei a assumir o caminho da escrita como opção metodológica.

No momento em que defino que irei escrever em primeira pessoa do singular, revelo que acredito no imbricamento entre o objeto a ser pesquisado e o sujeito que pesquisa. Na transcrição dos resultados de minha pesquisa, revelo o caráter não-neutro deste meu fazer científico, ao “trazer para a produção/expressão científica formas mais ricas e encarnadas de divulgação é um modo de contribuir com a ampliação do campo de possibilidades expressivas dos conhecimentos” (OLIVEIRA, 2014, p. 10).

A reflexão que apresento não é nova. Ela nasce do incômodo da utilização das metodologias de pesquisa das ciências naturais para as ciências sociais e o debate já era

¹ O uso de neologismos, para dar conta de outros significados que as palavras conhecidas não comportam, vem a ser uma opção *teoricometodológica* que aprendi em minhas leituras e conversas com Nilda Alves.

profícuo no início do século XX. A instabilidade, incerteza, imprevisibilidade e dinamicidade do mundo social já eram motes para discussões sobre a cientificidade do conhecimento, há tempos. Hoje, não acredito na ciência como verdade absoluta e não estou sozinha em minha crença. Arriscaria, inspirada em Harari (2015), propor a cientificidade do conhecimento como uma “história que inventamos”.

Imbricado da subjetividade de quem o apresenta, o conhecimento é singular. Boaventura defendeu que “o ato de conhecimento e o produto do conhecimento eram inseparáveis” (SANTOS, 1987, p. 50), mediante o reconhecimento do “caráter autobiográfico da ciência” (id., p. 53). Segundo o autor, no pós-guerra, historicamente, a Antropologia e a Sociologia adotaram posturas metodológicas de questionamento do status científico hegemônico, até então, de exigência da separação sujeito-objeto.

Ao escolher escrever em primeira pessoa do singular, faço uma opção *sóciohistórica* e apresento uma aliança com os pesquisadores que defendem que o conhecimento abarca o nível de simbólico, dos significados e da intencionalidade. A necessidade de encontrar parceiros para minha maneira de olhar para a questão da escrita, autoria e narrativização do conhecimento, leva-me a considerar, assim como Merleau-Ponty (1994, p. 3) que “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”.

O conhecimento é do autor na sua relação com o mundo. É a sua visão de mundo que encaminha suas inquietações e o leva em busca do objeto a ser pesquisado. Outrossim, sua maneira de fazer pesquisa e elaborar conhecimento apresentam significados compartilhados, pois ecoam as experiências vividas e teorias estudadas. O reconhecimento do outro como legítimo outro (MATURANA, 1998), que não pode ser um casuísmo, leva-me a eleger a ideia de que os saberes acadêmicos e os vividos não podem ser dissociados e tratados através de uma hierarquia. O mundo está na relação entre o eu e o outro. Na alteridade, eu me encontro e me diferencio.

Jorge me adverte:

– A aventura que nos conduz à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, uma permanente metamorfose (...) tem sua força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita (...) já não existe um ser substancial a ser descoberto e ao qual ser fiel, mas apenas um conjunto de palavras para compor, e decompor e recompor. (...) Somente o combate das palavras ainda não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira, que o eu seja outro. (...)

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

A fidelidade às palavras é não deixar que as palavras se solidifiquem e nos solidifiquem, é manter aberto o espaço líquido da metamorfose (...) é reaprender continuamente a ler e a escrever, a escutar e a falar. Só assim se pode escapar, ainda que provisoriamente, à captura social da subjetividade, a essa captura que funciona nos obrigando a ler-nos e escrevermo-nos de uma maneira fixa, com um padrão estável. Só assim se pode escapar, ainda que seja por um momento, aos textos que nos modelam, ao perigo das palavras que, ainda que sejam verdadeiras, convertem-se em falsas uma vez que nos contentamos com elas (LARROSA, 2003. p.39-40).

– Por isso assim como as palavras criam a realidade, elas criam, também, a ficção.

– Atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. Não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (id., p.21).

– E como as palavras tem a força de elementos criadores de realidade, mais uma vez fica claro o quanto a escrita precisa ser declarada. Quem sou eu? De onde eu falo?

– Toda escritura pessoal, enquanto escritura, contém vestígios das palavras e histórias recebidas (id., p.25).

Ecléa e Paul, alertas às questões da memória, destacaram:

– É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates (BOSI, 2003, p. 407).

– Certamente, dissemos e repetimos que a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro a posição de um real anterior (RICOEUR, 2007, p. 61).

– E esta “posição de um real anterior”, uma referencialidade ao passado, garante às narrativas uma fidelidade às lembranças recuperadas? Você defende que é uma narrativa o discurso do historiador. Inclusive, para você, o não narrativo sequer existe.

– Se a história é uma construção, o historiador gostaria, por instinto, que essa construção fosse uma reconstrução. Com efeito, parece que esse propósito de reconstruir construindo faz parte do manual de obrigações do bom historiador. Quer coloque seu projeto sob o signo da amizade ou sob da curiosidade. É movido pelo desejo de fazer justiça ao passado. Sua relação com o passado é sobretudo a de uma dívida não paga, e nisso ele representa a todos nós, os leitores de sua obra (id., 1997, p.257).

– Mas, é arriscado apagar a fronteira entre ficção e história!

– Nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se estas histórias são verdadeiras ou falsas, tanto a ficção, como a história verificável, nos provêm de uma identidade (id, p.426).

– Para [o historiador] também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, os acontecimentos pretéritos, o que, a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados. Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos” (BOSI, 1994, p.59).

– Ainda que todos os mortos ressuscitassem, apresentariam suas memórias repletas de reelaborações.

Gonzaguinha, em “Caminhos do coração” me inspirava na compreensão de tantas enunciações.

... e aprendi que se depende sempre de tanta muita, diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas.
E é tão bonito quando a gente entende
que a gente é tanta gente onde quer que se vá.
É tão bonito quando a gente sente
que nunca está sozinho por mais que pense estar.

Italo, escritor renomado, acrescentou:

– A arte de escrever histórias consiste em saber extrair daquele nada que se entendeu da vida todo o resto; mas concluída a página, retoma-se a vida, e nos damos conta de que aquilo que sabíamos é realmente nada (CALVINO, 1993, p.53).

Trabalhando na busca de *novosoutros* caminhos da escrita acadêmica, procuro tecer redes de conhecimentos (ALVES, 2001), permitindo-me o “vadiar” (PAIS, 2003) por entre autores e histórias, perambulando por entre os achados, falas e escritos, sem me preocupar

com a linearidade que a história me ensinou a perseguir. Muitas foram as conversas sobre possibilidades emancipatórias das práticas educativas cotidianas e sua escritura.

Inês questionava:

– Por que nos mantermos dentro das margens oficiais, limitadas por uma linguagem desprovida de sujeitos, de emoções e de tudo aquilo que não se pode expressar “objetivamente” (OLIVEIRA, 2014, p.3)?

Paulo, Humberto e José, em uma roda de conversa, colocaram-se:

– Uma epistemologia do cotidiano deve abraçar a emoção como tão constitutiva do ser humano quanto sua razão como fundamental para que os conhecimentos tecidos tenham maior identidade com a vida social. Por muito tempo, a academia tem evitado, em nome da racionalidade científica, compreender a emoção como inerente ao próprio conhecimento humano. (...) O ser humano, desta forma, passa a ser visto como um somatório dessas duas possibilidades de ser humano, como se fosse realmente possível esta separação (SGARBI, 2005, art 5, p. 38-39).

– A existência humana se realiza na linguagem e no racional partindo do emocional. Com efeito, ao convidá-los a reconhecer que as emoções são disposições corporais que especificam domínios de ações, e que as diferentes emoções se distinguem precisamente porque especificam domínios de ações distintos, convido-os também a reconhecer que, devido a isso, todas as ações humanas, independentes do espaço operacional em que se dão, se fundam no emocional porque ocorrem no espaço de ações especificado por uma emoção. O raciocinar também (MATURANA, 1998, p.170).

– Em que consiste a perspectiva metodológica do cotidiano? Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenômenos, limitando ou anulando suas relações recíprocas. (...) A sociologia do cotidiano não se diferencia das outras sociologias pelas realidades que privilegia nem pelo que diz sobre essas realidades, mas, simplesmente, pelo modo de dizer (PAIS, 2003, p.30-31).

– Se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte (CERTEAU, 1994, p.152).

Não resisti e recitei Fernando Pessoa:

– A Ciência, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção (PESSOA, 1981. p.455)!

As discussões se davam/se dão no campo da produção *teóricoepistemológica* e enredada, encantava-me por uma escrita que pudesse ter a base na *epistemomagia* de Sgarbi (2005) e nos diálogos dela com aqueles que contribuíram para a sua própria tessitura.

– Chamei de uma Epistemomagia do Cotidiano, por considerar a impossibilidade de uma epistemologia (id., art. 5, p.49).

– Magia?

– Magia porque as palavras têm o poder de criar realidades e sonhos, mentiras e verdades, obscuridades e luminescências, de trazer de volta lembranças escondidas na memória, mesmo que inventando um outro passado que tenha mais significado para um presente desejado (id., art. 1, p.41).

– E como essa epistemomagia se sustenta?

– [Em] redes de conhecimentos e tessitura de conhecimento em redes que se apresentam como uma boa maneira de conhecer o mundo e suas vidas pelo que oferece de encontros – e desencontros – na relação com o outro. Tecer, como uma maneira mais prazerosa do que construir; compreender, como uma maneira muito lúcida do que explicar (id.).

.

– Se escolho estudos no/do/com os cotidianos, estou apresentando reflexões que me são muito próprias e que revelam minha maneira de *versentir* o mundo.

Jorge precisou dizer:

– O misterioso expressado poeticamente, ao conservar seu mistério, conserva-se como uma fonte infinita de sentido (LARROSA, 2003, p.75).

Outro amigo, Carlos Eduardo, completou:

– Ao nos assumirmos como nosso próprio objeto de estudo, coloca-se para nós a impossibilidade de pesquisar ou falar 'sobre' os cotidianos das escolas. Se estamos incluídos, mergulhados, em nosso objeto, chegando, às vezes, a nos confundir com ele, no lugar dos estudos 'sobre', de fato, acontecem os estudos 'com' os cotidianos. Somos, no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação [...]. Assim, em nossos estudos 'com' os cotidianos, há sempre uma busca por nós mesmos. Apesar de pretendermos, nesses estudos, explicar os 'outros', no fundo estamos nos explicando.

Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros, mas nós somos também esses outros e outros ‘outros’ (FERRAÇO, 2003, p. 160).

– Mas Ferração, para além desta compreensão, o que me intriga é o caminho escolhido para o processo de comunicação das pesquisas.

Nilda defendeu:

– Para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar de narrar a vida e literaturizar a ciência” (ALVES, 2001, p. 14-16).

Michel era amigo íntimo de Nilda e complementou:

– A narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A partir de Marx e Freud (para não remontar mais acima), não faltam exemplos autorizados. Foucault declara, aliás, que está escrevendo apenas histórias ou “relatos” (CERTEAU, 1994, p.152).

Carlo entrou para a conversa:

– Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se à regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição (GINSBURG, 1999, p. 179).

Atônita, buscava compreender a complexidade de tais ações, representações e interações realizadas/vividas pelo pesquisador, apresentada por Ferração (apud ALVES, 2008a, p. 112-113), como necessidade de rompimento com os engessamentos herdados da “ciência moderna”. O *autorpessoa* fala dos inúmeros caminhos percorridos por cada sujeito, que se abrem e se deixam contaminar, permanentemente, pelas ações, pensamentos e imagens do mundo contemporâneo.

Segundo ele, Ferração (id), entender/sentir/analisar essa complexidade exige o rompimento das tradicionais amarras *metodológicasteóricas* produzidas pela modernidade. As ciências da natureza, representadas por alguns cientistas, já invejam este movimento do pensar científico. Há, por parte de alguns, a compreensão de que as leis causais também “sofrem” interpretações e também os fenômenos físicos apresentam análises diferenciadas de seus significados.

A física quântica e a física atômica vem revolucionando ao rever as relações sujeito objeto. A geometria discute o princípio da incerteza. Surgem conversas sobre princípios de complementariedade. Cientistas estudam o fenômeno cultural na física e leis não-intuitivas da

mecânica quântica. No Brasil, historicamente, os cientistas têm dado grande contribuição para os fundamentos da física quântica, pesquisados na Universidade de São Paulo (USP). Sendo assim, temos possíveis diálogos acontecendo entre as ciências sociais e as ciências naturais.

Os ‘meus’ diálogos, que se sucediam entre amigos e livros, iam confirmando um movimento que Émile Durkheim defendeu em “Regras do Método Sociológico” (1966): os usos e costumes se transformam, não são estáticos.

Carlo, continuou:

– A orientação quantitativa e a antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância (GINSBURG, 1999, p.178).

Michel e Nilda ampliaram minha compreensão:

– Agora, o importante não é mais o dito (um conteúdo) nem o dizer (um ato), mas a transformação, e a invenção de dispositivos, ainda insuspeitos, que permitem multiplicar as transformações. Acabou-se portanto o tempo em que o ‘real’ parecia vir até o texto para ser aí manufaturado e exportado. Acabou-se o tempo em que a escritura parecia fazer amor com a violência das coisas e alojá-las na ordem de uma razão. (...) Por esse desnudamento do mito moderno da escritura, a máquina celibatária se torna, mediante demissão, blasfema. Ela combate a ambição ocidental de articular no texto a realidade das coisas e reformá-la. (...) Talvez esse antimito ainda se ache à frente de nossa história, mesmo que já encontre muitas confirmações com a erosão das certezas científicas, com o ‘tédio’ em massa dos escolarizados ou com a progressiva metaforização dos discursos administrativos (CERTEAU, 1994, p.245-6).

– Admitir que os fatos a serem analisados e as questões a serem respondidas são complexos, neste mundo simples que é o cotidiano, vai colocar a necessidade de inverter todo o processo aprendido: ao invés de dividir, para analisar, será preciso multiplicar – as teorias, os conceitos, os fatos, as fontes, os métodos, etc. etc Mais do que isso, será necessário entre eles estabelecer redes de múltiplas e também complexas relações (ALVES, 2001, p. 25).

– Noutras palavras, há “histórias” que fornecem às práticas cotidianas o escrínio de uma narratividade. Certamente, só descrevem alguns de seus fragmentos. (...) O “retorno” dessas práticas na narração está ligado a um fenômeno mais amplo, e historicamente menos determinado, que se poderia designar como estetização do saber implícito no saber-fazer. (...)

Trata-se de um saber não sabido. (...) Tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o conhece tampouco (CERTEAU, 2004, p.142-3).

Inês, minha orientadora no mestrado, entrou para a conversa:

– Aceitamos as regras e, com elas atuamos, sempre. Por outro lado, sobre elas agimos revertendo-lhes a lógica, criando espaços para aquilo que não está previsto, buscando, com isso, o desenvolvimento de nosso trabalho de acordo com nossas crenças e expressando valores não contemplados pelas regras oficiais, sejam elas comportamentais, políticas e/ou pedagógicas (OLIVEIRA, apud ALVES & OLIVEIRA, 2001, p.53).

Respondi, empolgada:

– Posso entender que enredar minhas vivências e os saberes múltiplos advindos de outras vivências é um trançar de uma *novaoutra* história e a maneira como os fios serão trançados depende da emoção, do gosto ou das possibilidades de “relacionamento” com os diferentes fios e com as “cores” que tem o tecelão. Isto é uma possível ‘maneira de dizer’.

– As práticas cotidianas, no entanto, para além desses seus aspectos organizáveis, quantificáveis e classificáveis, em função daquilo em que nelas é repetição, esquema, estrutura, são desenvolvidas em circunstâncias, ocasiões, que definem modos de usar as coisas e/ou as palavras” (OLIVEIRA, 2003, p. 47).

– Para explicitar [essa] relação da teoria com os procedimentos dos quais é feito e com aqueles que aborda, oferece-se uma possibilidade: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios (CERTEAU, 2004, p.152).

– Uma maneira de fazer textual que expressa minha maneira de estar no mundo.

Marcos, que também transita nas conversas sobre *tessitura de conhecimentos em redes*, desenvolvidas por grupos de pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*, também se colocou, sendo acompanhado por Paulo e José.

– Os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 2004, p. 14).

– Os aspectos naturais e físicos, como também as relações sociais, culturais, históricas e tecnológicas estão todos imbricados em minha maneira de estar no mundo.

– Compreender as relações sociais a partir da comunicação entre pessoas é, sobretudo, compreender que há uma negociação de sentidos entre sujeitos [observadores, como reflete

Maturana], cientistas ou não, e que essa negociação pressupõe olhar o olhar do outro e se deixar olhar pelo outro como uma maneira de estar no mundo dando significado ao mundo. Não podemos [e não devemos] descartar como possibilidade explicativa os conhecimentos científicos acumulados pela humanidade em sua trajetória histórico-social e política e um monte de outros *espaços estruturais* (Santos, 2000, 2003) de formação de identidades. Mas também não podemos [e também não devemos] dogmatizar a ciência como detentora única das compreensões [e explicações] do mundo natural ou social (SGARBI, 2005, art.5, p. 8).

– São estas brechas intersticiais do social que a sociologia da vida cotidiana persegue. Muitas vezes acontece-nos, a nós sociólogos, andarmos num céu carregado de nebulosidade teórica. Desçamos ao inferno da vida cotidiana e logo vemos como as teorias tidas como inabaláveis caem nas dúvidas do purgatório. Mas para isso é necessário que, a nível dos paradigmas dominantes da sociologia, consigamos também abrir necessárias brechas epistemológicas (PAIS, 2003, p. 48-49).

A partir de tantas conversa, passei a procurar reconhecer pressupostos que me pareciam indispensáveis aos processos de escritura de minhas pesquisas, registros de experiência e relatos de práticas. A crença no poder das palavras em criar realidades e sonhos passou a pertencer ao rol de cuidados com os fios de tessitura, em busca de uma maneira mais prazerosa de escritura, no respeito ao outro que participa escrevendo junto, pois a história é tecida a partir de múltiplas outras. Reforçou Jorge:

– Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude em uma história? E, para essa transformação, para esse alívio, acaso contamos com outra coisa a não ser com os restos desordenados das histórias recebidas (LARROSA, 2003, p.22)?

– Há, ainda, a busca de uma maneira de escrever que se faça gostosa de ler, no respeito ao outro, que será o leitor e merece ser pensado, pois é a ele que se dirige o texto – um pouco óbvio, diriam alguns, mas diferentemente de textos academicamente elaborados que são escritos de cientistas para serem lidos por cientistas, meu desejo de autoria é me dirigir, preferencialmente, a outras professoras e outros professores, dentro ou fora da academia. Tantas possibilidades metodológicas me ajudam a defender que minha escrita acadêmica pode ser em primeira pessoa do singular. Minha escrita acadêmica pode ser também em história em quadrinhos, crônicas, cartas e muitos outros estilos e gêneros. Defendo, inclusive *o romance como possibilidade de expressão formal da história de um processo* (TKOTZ, 2010).

– A escritura só tem sentido fora de si mesma, num lugar outro, o do leitor, que produz como a sua própria necessidade indo ela mesma para esta presença que não poderia ganhar. Vai em direção a uma palavra que não lhe será jamais dada e que, por isso mesmo, constrói o movimento de ser indefinidamente ligada a uma resposta solta, absoluta, a do outro (CERTEAU, p.299).

– Ainda assim, posso acreditar que escrever é uma forma de retorno à vida através de uma prática “legítima”, científica, política, escolar etc. Como você diz a prática escriturística assumiu um valor mítico nos últimos quatro séculos.

– O progresso é de tipo escriturístico (id., p.224). Hoje, o texto é a própria sociedade (id., p.261).

– Na sociedade atual, que não acredita que a oralidade contribui para o progresso, eu me pergunto se o progresso contribui para a sociedade.

– O jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como sentido remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função estratégica: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo (CERTEAU, 1994, p. 226).

– Se a produção escriturística garantiu disciplinar ações e relações, pode também possibilitar transformações!

Boaventura foi quem se colocou:

– A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem o direito de desejar e por que merece a pena lutar. A utopia é uma chamada de atenção para o que não existe como (contra) parte integrante, mas silenciada, do que existe (...) (SANTOS, 1997, p. 324).

Termino, provisoriamente, minha escrita e envolvo, metaforicamente, em um abraço aqueles que reinventam os *espaçostempo* da sociedade através de suas escritas, abrem horizontes de possibilidades e recuperam o sentido da utopia. Neste texto, pretendi, apenas, defender a opção de escrita na primeira pessoa do singular como a melhor maneira de fazer ciência (para mim e para mais alguns tantos) e apontar o movimento *teóricofilosófico* que precede esta escolha.

O reconhecimento da cientificidade do conhecimento transcrito em primeira pessoa ainda será questionado por muitos. No entanto, pude compartilhar a defesa da minha maneira de escrever e mostrar que muitos me ‘ensinam’ a escrever assim, em uma rede de *peessoasautores* que se conhecem e vivem em um exercício constante de busca por um “*conhecimento prudente para uma vida decente*”. Caberá a cada um refletir que, ao escrever, encarna nas palavras, a pessoa que é. A escrita é a encarnação do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008a.

_____; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008b.

_____. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos – 3º ed.** São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. **O Cavaleiro Inexistente**. Trad: Nilson Moulin Cia. das Letras, 1993.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 4ª Edição. São Paulo: Ed.Nacional, 1966.

FILÉ, Valter. Tentativas e tentações: batidas no território da linguagem. In: OLIVEIRA, Inês B. (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

FERRAÇO, Carlos Educarado. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. **Método: pesquisa com o cotidiano**. RJ: DP&A, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. S. Paulo: Martins Fontes, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução de Janaína Marcoantonio. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas, tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem da educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MERLEAU-PONTY, M.(1994). **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. de. **Narrativas Docentes e Currículos Pensadospraticados**: pesquisar, escrever e compreender práticas cotidianas. XVII ENDIPE. Cuiabá, MT. 2014.

_____. **Currículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, 1981.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2004.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas : Papyrus, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. Porto/Portugal: Afrontamento, 1987.

SGARBI, Paulo. **Avaliação pensada sentida a partir de uma epistemologia do cotidiano**. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. (Tese de doutorado).

TKOTZ, Silvia Beatrix. **O romance como possibilidade de expressão formal da história de um processo**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa (org.). Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Alii, 2010.